

Para habitar o que já se ocupa

Karine Cupertino

DESEJO-MANIFESTO é só um pedaço dos Foguetes Maravilha. Só um pedaço de todo o grande universo que ele abriga, de toda uma ideia de mundo que o Foguetes traz em cada assinatura certa que dá. O mundo Foguetes Maravilha cabe em qualquer lugar, mas principalmente em espaços pequenos de tempo – o tempo de uma peça, por exemplo; no espaço entre seres humanos, no espaço dentro de nós.

A peça de Alex Cassal e Mariana Provenzano fala sobre esses espaços e como ocupá-los. Um manifesto de ocupação de espaços invisíveis, um manifesto pela necessidade de invenção de espaço, um manifesto que combina com a poesia de Manoel de Barros: “Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,/ que puxa válvulas, que olha o relógio,/ que compra pão às 6 horas da tarde,/que vai lá fora, que aponta lápis,/ que vê a uva etc. etc. / Perdoai/ Mas eu preciso ser Outros”. E é pela necessidade de ser outros que o manifesto ganha um substantivo colado a ele no nome da peça: desejo.

Esse desejo guia a dramaturgia, a tensão entre os atores, o imaginário do público. Quando a atriz fala sobre sua curiosidade de ocupar o corpo de outro e sair vivendo uma vida que não é dela, quem não se identifica? Quem não imagina por um segundo, quem não deseja colocar o sapato de outro alguém e caminhar por uma vida completamente diferente?

A vida real não permite que a gente mude de corpo. Sorte que o teatro não proíbe isso. Quando menos se espera, percebemos que Marina está trocando o gênero dos adjetivos e falando de si própria no masculino. Também percebemos que uma pontuação está sutilmente começando a surgir, não a mesma de quando ela falava de uma vida com tanta propriedade, que tínhamos certeza que era a dela. Ou aquele gesto, aquele gesto que parece copiado, inventado para outro corpo que não o dela. E, então, a Marina está ali, mas ela já foi para outro lugar, já ocupou outro espaço: o espaço Alex Cassal.

Habitar o outro é um serviço básico do ator. Por isso não estranhemos a brincadeira da Marina em ser o Alex. Mas o desvelar desse processo e o fato do Alex não ser alguém imaginário, mas alguém que já-já entrará no palco, faz esse mecanismo

um pouco mais curioso do que uma peça de teatro com atores interpretando qualquer outra personagem. Essa conversa próxima, real, nos traz mais perto da atriz, do ator. Assim, público e atores criam a ocupação de um espaço invisível, mas que não está no campo da ficção, está no campo real do aqui/agora com pessoas reais e não com personagens inventados.

O exercício de habitar-se e habitar fora de nós vai além do teatro. Como fica claro quando os atores pedem que experimentemos sermos olhados como eles também são, através de um jogo em que a plateia deve fazer duplas e olhar um para o outro. Esse exercício não é tão comum no nosso cotidiano e nem tão óbvio como quando a Marina “ocupa” o Alex. Mas ele pode ser treinado de outras formas.

Talvez, percorrendo lugares distantes do nosso corpo, habitando o que não somos nós, podemos descobrir o que realmente somos. Assim - quem sabe? – podemos também atentar e respeitar o que o outro também realmente é. Esse mundo Foguetes Maravilha cabe nesse desejo-manifesto e pode caber também um pouquinho em cada um que sai dessa peça.